

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFRRJ: O ALCANCE DA COMUNIDADE DO
ENTORNO**

LETHÍCIA MEDEIROS FELIPE DE SOUZA

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFRRJ: O ALCANCE DA COMUNIDADE DO
ENTORNO**

Monografia apresentada como requisito parcial do
grau de **Bacharel em Administração Pública**, no
Curso de Graduação em Administração Pública,

Orientadora: Prof.^a Me. Naiara Tavares da Silva
Coorientador: Prof. Dr. Aldenilson dos S. V. Costa

SEROPÉDICA, RJ

2022

LETHÍCIA MEDEIROS FELIPE DE SOUZA

**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UFRRJ: O ALCANCE DA COMUNIDADE DO
ENTORNO**

Monografia apresentada como requisito parcial do
grau de **Bacharel em Administração Pública**, no
Curso de Graduação em Administração Pública.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Assinatura

Prof.^a. Me. Naiara Tavares da Silva (Orientadora)

DAP/UFRRJ

Assinatura

Prof. Dr. Aldenilson dos S. Vitorino Costa (Coorientador)

DAP/UFRRJ

Assinatura

Prof.^a Dr.^a Deise Luce de Souza Marques

Examinador(a)

DAP/UFRRJ

Assinatura

Prof.^a Dr.^a Vera Regina Ramos Pinto

Examinador(a)

DAP/UFRRJ

Dedico esta monografia aos familiares e amigos que sonharam junto comigo.
A todos que contribuíram direta e indiretamente para a construção deste
trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos que acreditaram no meu potencial e caminharam de mãos dadas comigo nos momentos em que mais precisei. Este Trabalho de Conclusão de Curso não se reduz somente a um requisito parcial para a conquista do grau de Bacharel em Administração Pública, é também um brado de vitória diante das adversidades, do preconceito e do que a sociedade espera de nós LGBTQIPA+. Somos capazes, somos luta e sobretudo somos resistência.

Acreditamos que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressiva, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver a nossa opção. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

Paulo Freire

RESUMO

A Extensão Universitária atua como elo comunicativo entre a Universidade e a sociedade. O exercício das atividades e projetos desenvolvidos devem contribuir para o desenvolvimento social com a intenção de amenizar as desigualdades existentes. A razão de ser da Extensão motivou a investigação dos limites que cercearam sua atuação e as perspectivas do potencial de transformação social que a ela compete. Diante de sua relevância, objetivou-se analisar a partir do discurso de seu público alvo, a comunidade do entorno e através do método Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), até onde a Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro se faz presente no município de Seropédica-RJ. A pesquisa é de natureza descritiva com abordagem qualitativa e possibilitou a compreensão acerca da Extensão Universitária como ferramenta de integração social, seus limites e perspectivas.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Saber Popular; Mudança Social; Seropédica; UFRRJ.

ABSTRACT

The University Extension acts as a communicative link between the University and society. The exercise of activities and social projects developed can contribute to the intention of development as existing differences. Extension's *raison d'être* motivated the investigation of the limits that restricted its performance and the prospects of the potential for social transformation that it is responsible for. In view of its target, the objective was to analyze from the discourse of its target, the community and through the Discourse of the Collective Subject (DSC) method, to what extent the Public Extension of the Federal Rural University of Rio de Janeiro is present in the municipality of Seropédica-RJ. A is a descriptive research with a qualitative approach and the possibility of understanding University Extension as a tool for social integration, its limits and perspectives..

Keywords: University Extension; Popular Knowledge; Social Change; Seropédica; UFRRJ.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	12
1.1 O Manifesto de Córdoba	12
1.2 Extensão Universitária no Brasil.....	13
1.2 Reforma Universitária e seus desdobramentos para a Extensão	15
1.3 A curricularização da Extensão e os novos caminhos a serem traçados	16
2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A IMPORTÂNCIA DO SABER POPULAR	20
2.1 Dialogando com Paulo Freire	20
2.2 O indivíduo como um ser ativo dentro da sociedade	22
3 CONTEXTO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO	25
3.1 Extensão Universitária na UFRRJ	26
4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS	28
4.1 Atividades desenvolvidas pela Universidade	29
4.2 Possíveis contribuições da Universidade para a comunidade	31
4.3 Atuação da Universidade em prol das necessidades locais.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
APÊNDICE	42

INTRODUÇÃO

A Universidade através de sua função social deve contribuir para o desenvolvimento do saber científico e a construção de diálogos para além dos muros da Instituição, de modo que se estabeleça uma relação entre a comunidade acadêmica e os demais setores da sociedade.

Alicerçada no princípio da indissociabilidade, as Universidades obedecem ao entrelace do Ensino, Pesquisa e Extensão. Neste cenário, o Ensino desempenha o papel de construir o conhecimento, bem como a Pesquisa em produzi-lo, enquanto a Extensão possibilita a comunicação entre o saber acadêmico e o saber popular.

Por possuir um caráter heterogêneo e bastante amplo, que ultrapassa os muros das Universidades, a Extensão se transformou em uma “prática fragmentada de pequenos projetos”, resumida em apenas cumprir requisitos disciplinares da academia. Este tipo de prática acaba limitando a construção de uma possível emancipação dos indivíduos envolvidos nesse processo de aprendizagem. É por conta disto que se faz necessário a efetivação da “prática integral e integradora” de projetos contínuos que se fortaleçam na medida em que são aplicados na sociedade, e, principalmente, na comunidade do entorno (GADOTTI, 2017).

Para este efeito, é imprescindível a interação entre a comunidade acadêmica e a comunidade do entorno para que se possa promover o desenvolvimento dialógico através da construção de novas perspectivas, visto que,

[...] a produção de conhecimento não é mais exclusividade das universidades e sim de sua interação desta com a sociedade, seja pelas iniciativas públicas, como o financiamento para projetos de pesquisa e extensão, ou por intermédio de parcerias entre universidades e instituições de iniciativa privada (BERNARDES; PELARIN; DA SILVA, 2014, p. 21).

Dito isso, o objetivo da presente pesquisa é analisar a partir do discurso de seu público alvo, até onde a Extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro se faz presente no município de Seropédica-RJ. Considera-se que a extensão deve alcançar a comunidade do entorno, assim, questiona-se a real efetividade desse tipo de ação.

A pesquisa tem como ponto de partida o questionamento sobre o escopo de ação da UFRRJ no seu entorno. Para tanto, metodologicamente a estratégia utilizada inicia-se com a revisão da literatura que permitiu reconhecer as diferentes ações extensionistas no âmbito universitário brasileiro. Além disso, foram realizadas entrevistas em diferentes bairros da cidade de Seropédica, com o objetivo de

identificar, analisar e compreender de que forma a UFRRJ alcança, através de atividades de extensão, o seu entorno. Por sua vez, os dados obtidos através das entrevistas foram analisados a luz do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que possibilitou a construção de uma síntese a partir do pensamento do sujeito. Isto é, a junção de Expressões-chave (EC) e Ideia Central (IC) auxiliaram no resgate da essência do conteúdo e na atribuição do sentido coletivo. As EC definiram os trechos das transcrições dos discursos que possuem relevância para embasar a teoria desenvolvida no projeto. E a IC, sintetizou a representação e atribuiu sentido aos discursos dos sujeitos. (FIGUEIREDO; CHIARI; DE GOULART, 2013).

De acordo com Levefrè e Levefrè (2014, p. 505),

O DSC pode funcionar como “espelho analítico” do pensamento de coletividades e grupos, o que faz dele instrumento útil para intervenções em que se busque despertar consciências coletivas e/ou ensejar diálogos com posturas ou opiniões distintas.

Dessa forma, o Discurso do Sujeito Coletivo atuou como método de Representação Social (RS) com o propósito de “reconstituir tais representações preservando a sua dimensão individual articulada com a dimensão coletiva” (LEVEFRÈ; LEVEFRÈ, 2014, p. 503). Assim, o DSC possibilitou aos grupos entrevistados a participação ativa na construção dos resultados. Sendo assim, além de proporcionar mais clareza e representatividade ao pensamento do sujeito, o DSC possibilita que os entrevistados se sintam autores de seu próprio discurso.

1 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

As universidades populares da Europa foram um dos berços da Extensão Universitária no século XX. Nesse contexto universitário, pensava-se então a Extensão a partir da relação “mestre e aprendiz”, onde a disseminação do conhecimento técnico partia do mestre intelectualmente superior para o aprendiz. Outro elemento que também influenciou fortemente a cultura extensionista partiram das universidades norte-americanas, cujas ações de extensão estavam caracterizadas pelo caráter de prestação de serviços (MELO NETO, 2002).

Na América Latina, a proposta da Extensão Universitária surgiu com fortes influências do modelo europeu, tendo como expressão a Universidade de Córdoba, na Argentina. No entanto, já naquele momento, observa-se que a extensão ainda permanecia "esvaziada do seu conteúdo político de unificação cultural, servindo como instrumento de solidificação da ordem vigente e não como agente de transformação" (SOUZA, 2000, p. 14). Em virtude de ser uma das instituições mais antigas da América Latina, fundada no século XVII, o cenário de Córdoba era bastante conservador e ainda possuía a herança do período colonial (FREITAS NETO, 2011). Segundo Menon (2021), a proposta educativa se concentrava em uma educação centralizada nas elites, porém, o movimento de urbanização da época acarretou no aumento do fluxo migratório nas primeiras décadas de XX. Este mesmo fluxo trouxe ideias anarquistas e socialistas que já vinham sendo difundidas na Europa à classe trabalhadora, que passou a reivindicar seus direitos políticos e sociais.

1.1 O Manifesto de Córdoba

Em contraposição a esse modelo conservador, que ocorreu a Reforma Universitária de Córdoba, em 1918. Em decorrência da instrumentalização da educação, os estudantes se manifestaram contra à dominação do conservadorismo e ao monopólio do conhecimento dominado pela elite, e em defesa do laicidade do ensino superior, reivindicando a autonomia universitária (MENON, 2021).

Freitas Neto (2011, p. 65) ao analisar o contexto histórico em que Córdoba estava inserida, destaca alguns entraves ao avanço das ações extensionista, isto porque,

A Universidade de Córdoba preservava ainda no início do século XX algumas das características do período colonial. A ligação com os jesuítas e

a resistência a mudanças de procedimentos durante o período das lutas pela independência fez com que o conservadorismo fosse uma das marcas principais da Universidade e da cidade.

O “Manifesto de Córdoba” de 21 de junho de 1918 se contrapunha ao ensino calcado no dogmatismo que impedia o livre desenvolvimento científico e restringia a participação estudantil em deliberar por seus direitos. As reivindicações do movimento estudantil foram sintetizadas nos seguintes eixos:

Coparticipação dos estudantes na estrutura administrativa; participação livre nas aulas; periodicidade definida e professorado livre das cátedras; caráter público das sessões e instâncias administrativas; extensão da Universidade para além dos seus limites e difusão da cultura universitária; assistência social aos estudantes; autonomia universitária; universidade aberta ao povo (FREITAS NETO, 2011, p. 69).

Através da mobilização estudantil, pôde-se avançar no fortalecimento da função social da universidade e na relação dialógica com a sociedade. É a partir daí que se nota uma influência em diversas universidades da América Latina que também buscavam a democratização de ensino.

1.2 Extensão Universitária no Brasil

Antes de analisarmos o desenvolvimento da Extensão Universitária no país, é importante pontuar que a criação das universidades brasileiras aconteceu tardiamente no século XX. Isto revela um retardamento em relação a outros países, já que muitos dispunham de universidades desde o século XVI. Tal fato ajuda a entender a dificuldade em incorporar algumas práticas dialógicas, sobretudo porque para a realidade brasileira, temos que considerar também, nosso passado conservador, classista e desigual, que por tanto tempo caracterizou a realidade universitária. No entanto, avanços significativos ocorrem quando as instituições de ensino superior passam a ser constituídas por três eixos, a saber Ensino, Pesquisa, sendo a Extensão a mais recente (SOUSA, 2000).

Cabe destacar que, apesar da extensão ser o último e mais recente eixo que constitui os pilares das atividades universitárias, a primeira experiência extensionista no Brasil ocorreu em 1912, no contexto da criação da Universidade Livre de São Paulo. Nessa primeira experiência, foram oferecidos cursos abertos ao público externo, porém apesar de conter uma diversidade de temas, os assuntos lecionados foram pensados pela própria academia, sem levar em consideração as reais necessidades e interesses da comunidade. Posteriormente, na década de 1920, a

Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV) experienciou a atividade extensionista através da prestação de serviço (GURGEL, 1986).

Por sua vez, o movimento estudantil potencializou as reivindicações por uma universidade mais plural, aberta e acessível a sociedade como um todo. A criação da União Nacional dos Estudantes (UNE) pôde reunir as demandas estudantis regionais e se consolidar em âmbito nacional. Paralelamente, a Juventude Universitária Católica (JUC) também incentivava os jovens no desenvolvimento do pensamento crítico orientado a demandas sociais. No mesmo período, foram desenvolvidas diversas práticas extensionistas no país, como exemplo, podem ser citados o Serviço de Extensão Cultural (SEC), o Movimento Cultural Popular (MCP), o Movimento de Educação de Base (MEB), Centro Popular de Cultura (CPC) e UNE Volante (GADOTTI, 2017).

Cabe lembrar que, sendo o Centro Popular de Cultura (CPC), uma construção gerida por estudantes, a orientação estava muito mais direcionada em defesa do desenvolvimento de trabalhos direcionados a educação de adultos. Já o Serviço de Extensão Cultural (SEC), em parceria com o Movimento Cultural Popular (MCP), trabalhava em defesa da alfabetização de adultos a partir da metodologia de Paulo Freire. Isto é, educação autônoma, libertadora e crítica a partir da realidade dos sujeitos (FREIRE, 1979). E, como resposta a essas conquistas, com a intenção de desarticular os movimentos sociais existentes na época, a ditadura militar de 1964 foi uma oposição a própria educação popular do país (Ibidem, 2017).

Em meio a um período ditatorial, também ocorreram a criação de dois projetos extensionistas: o Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC) em 1966 e o Projeto Rondon em 1967. Sendo assim,

A despeito de sua subordinação à política de segurança nacional e de seu caráter cooptativo, esses dois projetos tiveram o mérito de propiciar ao universitário brasileiro experiências importantes junto às comunidades rurais, descortinando-lhe novos horizontes e possibilitando-lhe espaços para contribuir para a melhoria das condições de vida da população do meio rural (FORPROEX, 2012, p. 12-13).

Ambos projetos perpetuaram a prática assistencialista de prestação de serviço para suprir as necessidades do desenvolvimento nacional e eram esvaziados de conteúdos políticos. Apesar disso, é importante reconhecer os resultados positivos alcançados pelos projetos em relação a vivência dos universitários em comunidades rurais.

1.2 Reforma Universitária e seus desdobramentos para a Extensão

Influenciados pelo Manifesto de Córdoba, a União Nacional do Estudantes (UNE) desenvolveu um plano de sugestões para uma possível reforma educacional no Brasil. O desdobramento desse plano resulta no 1º Seminário Nacional da Reforma Universitária em 1960, que defendia:

- 1) a luta pela democratização do ensino, com o acesso de todos à educação, em todos os graus; 2) a abertura da universidade ao povo, mediante a criação de cursos acessíveis a todos: de alfabetização, de formação de líderes sindicais (nas Faculdades de Direito) e de mestres de obras (nas Faculdades de Engenharia), por exemplo; e 3) a condução dos universitários a uma atuação política em defesa dos interesses dos operários (POERNER, 1968, p. 202).

Em paralelo a mobilização estudantil, também foram desenvolvidas articulações por parte da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro) e outros representantes, com a elaboração de planos de reformulação da estrutura vigente, através de seu Conselho Universitário. Porém, a ditadura militar instaurada em 1964 atrasou os planejamentos da época (FÁVERO, 2006).

Independentemente dos impactos do período repressivo, o projeto da Reforma Universitária resistiu e permaneceu incorporando pautas relacionadas a autonomia das universidades, reestruturação do ensino superior no âmbito técnico e administrativo, criação de um conselho que pudesse representar os reitores, entre outras pautas progressistas. Foi então que, em 1966, ocorreu a criação do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB) cujo objetivo era construir um espaço de fortalecimento das demandas e também integrar Instituições de Ensino Superior (IES) do país (Ibidem, 2006).

Após o longo histórico de mobilizações e tentativas de fazer com que a Reforma Universitária acontecesse, em 1968 foi constituída a Lei 5.540/68 que em seu Art. XX estabeleceu que “as universidades e as instituições de ensino superior estenderão à comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhe são inerentes” (BRASIL, 1968). Com isso, abriram-se as portas das Universidades para que a interação dialógica com a comunidade externa pudesse acontecer. E dessa vez, não só com a prestação de serviços, mas também ampliando o espectro para os resultados das pesquisas realizadas no ambiente universitário. Trata-se de um avanço que altera a tradicional forma com que a universidade trabalhava, possibilitando, nesse contexto, uma nova

forma de experienciar as atividades acadêmicas, bem como a visão desse ambiente pelo seu entorno.

Com o processo de redemocratização, a universidade também ganha novos avanços. Neste sentido, com a intenção de unificar a construção de pautas e o desenvolvimento da Extensão Universitária a partir de seus representantes, em 1987 foi instituído o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX). E no contexto desses espaços de debate e diálogo que, em um de seus fóruns nacionais, a Extensão foi concebida como “propulsora de transformações sociais”, tanto para a própria Universidade quanto para os setores sociais que interagem com ela (FORPROEX, 2012). Desta maneira, Sampaio e Freitas (2010, p. 21-22) ratificam que,

A Extensão possui a função de criar meios para as diversas outras saídas do conhecimento acumulado e produzido na universidade para setores e espaços específicos da sociedade, seja sob a forma de cursos praticados fora dos muros institucionais, seja sob a forma de projetos sociais ou ações comunitárias que visem o desenvolvimento e autonomia de grupos sociais específicos, ou seja, ainda, ao acolher os conhecimentos produzidos no âmbito de outros setores da sociedade e abrir-se ao diálogo com os mesmo, numa constante via de mão dupla.

Assim, a defesa da educação superior como um bem público e a valorização da Extensão Universitária fundamentada na emancipação dos indivíduos, se contrapõe a ideia de manutenção do status das “elites universitárias”. Uma Universidade aberta ao povo e preocupada com as demandas sociais possibilita o estreitamento das relações sociais entre os indivíduos que estão dentro da “bolha acadêmica” e os que estão fora dela. Trata-se ainda de romper com o classicismo e o elitismo tão característico dos espaços universitários (sobretudo, das universidades públicas).

1.3 A curricularização da Extensão e os novos caminhos a serem traçados

Com a nova Carta Magna, entre as diferentes demandas sociais, foi incluída também questões relativas à educação que seria função do Estado, tendo cada ente federativo com um tipo de responsabilidade (BRASIL, 1988). Quanto às instituições universitárias, o Artigo 207 da Constituição de 1988 estabelece que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre

ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988). Ou seja, há uma reiteração dos três pilares da atividade universitária.

A normatização das orientações constitucionais ganha corpo no conjunto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que destaca a finalidade da educação superior no capítulo IV, Artigo 43, designando o Ensino como uma ferramenta de construção de conhecimento. A Pesquisa, por sua vez, é tida como uma produtora do conhecimento. E, a Extensão como um elo comunicativo entre a Universidade e a sociedade, em que se é possível transmitir as aprendizagens adquiridas no Ensino e na Pesquisa para com o público externo e assim, cumprir a função social da Universidade (BRASIL, 1996).

Em consonância com as definições anteriores, o Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN) afirma que,

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão reflete um conceito de qualidade do trabalho acadêmico que favorece a aproximação entre universidade e sociedade, a autorreflexão crítica, a emancipação teórica e prática dos estudantes e o significado social do trabalho acadêmico. A concretização deste princípio supõe a realização de projetos coletivos de trabalho que se referenciem no planejamento de ações institucionais e nos interesses da maioria da sociedade (ANDES-SN, 2003, p. 30).

No entanto, mesmo com todos os avanços do ponto de vista legal e normativo, observa-se que o Ensino e a Pesquisa são mais consolidados dentro das Instituições, para os quais são destinados maiores volumes de recursos. Quando se trata da Extensão, observa-se um cenário contrário, já que há um posicionamento à margem das propostas que as Universidades tendem a desenvolver. Como resultado, a Extensão acaba ficando restrita ao cumprimento de uma orientação normativa, não cumprindo sua efetiva função que é desenvolver o papel social das Universidades (CARBONARI; PEREIRA, 2007).

Como crítica para a diferenciação da Extensão em relação aos outros dois pilares do tripé universitário, Paula (2003, p. 6) chama a atenção ao fato de que:

(...) seja por sua natureza intrinsecamente interdisciplinar, seja pelo fato de se realizar, em grande medida, além das salas de aulas e dos laboratórios, seja pelo fato de estar voltada para o atendimento de demandas por conhecimento e informação de um público amplo, difuso e heterogêneo, por tudo isso, talvez, as atividades de extensão não têm sido adequadamente compreendidas e assimiladas pelas universidades.

Como resultado, o que se enraizou nas Universidades foram as práticas assistencialistas de prestação de serviço, como o que acontece no campo do Direito a partir dos Núcleos de Práticas Jurídicas (NPJ), que prestam serviços jurídicos à

comunidade. De outro lado, frequentemente as atividades de extensão restringem-se apenas a uma complementação de aprendizados para os universitários em relação a carga horária exigida nos cursos superiores.

Há também que destacar que a extensão do ponto de vista da prática de muitos docentes limita-se a promoção e participação em eventos (seminários, congresso, encontros, etc.), o que pouco dialogam com a comunidade, ou quando o fazem, é sempre a partir de uma suposta superioridade do saber erudito em relação ao popular. Tal posicionamento tende a ser uma via de mão única e hierarquizada, onde o saber acadêmico se sobrepõe ao saber popular, descartando qualquer possibilidade de construção dialógica e horizontal de conhecimento entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa. Portanto, existe a necessidade da Extensão abrir mão do caráter assistencialista e imediatista para que seja possível desenvolver projetos calcados na realidade local em que a Universidade está inserida e assim, promover a transformação social, levando em consideração os limites e as possibilidades em que se pode trabalhar.

Como forma de reestruturar as atividades de extensão e derivado das demandas diversas, emerge a proposta da curricularização da Extensão, através do Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, Lei nº 13.005/2014 (BRASIL, 2014). A PNE prevê a integralização de no mínimo 10% (dez por cento) da carga horária total dos cursos superiores para projetos voltados a Extensão, que vem exigindo reformas curriculares de cursos e departamentos das universidades, abrindo espaço para questionar e reformular as práticas de extensão. Ao mesmo tempo, isto é um passo no sentido de realmente fazer valer o sentido das ações extensionistas. Assim, trata-se de uma oportunidade de alcançar seu cumprimento efetivo nas universidades públicas e trazer à luz um modelo contemporâneo de desenvolvimento da Extensão Universitária.

Em decorrência disto, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) formulou o Manual Básico para a Curricularização da Extensão a fim de nortear as Coordenações de Curso a adequarem a Proposta Pedagógica Curricular (PCC) às normativas exigidas. O Art. 2º da Resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018 (UFRRJ, 2018) orienta que,

As Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira regulamentam as atividades acadêmicas de extensão dos cursos de graduação, na forma de componentes curriculares para os cursos, considerando-os em seus aspectos que se vinculam à formação dos estudantes, conforme previstos nos Planos de Desenvolvimento

Institucionais (PDIs), e nos Projetos Políticos Institucionais (PPIs) das entidades educacionais, de acordo com o perfil do egresso, estabelecido nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e nos demais documentos normativos próprios (BRASIL, 2018).

Nessa direção, a concretização da curricularização demanda a compreensão da amplitude da Extensão, o reconhecimento de sua potência ao que se refere a transformação social. Para tanto, é fundamental a capacitação dos gestores e docentes e, sobretudo, a construção de espaços participativos para o confronto de ideias e projetos que podem ser desenvolvidos dentro e principalmente, fora dos muros da Universidade. Significa, portanto, trilhar um novo caminho em nome do cumprimento do PNE (BRASIL, 2014), que exigirá ainda a reformulação da cultura academicista para que não se reduza novamente a uma simples complementação curricular e que possa efetivamente funcionar como uma engrenagem em prol da transformação social, dialogando com o meio em que está inserida.

2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A IMPORTÂNCIA DO SABER POPULAR

Sendo a Extensão um canal comunicativo em que se pode colocar em prática os conhecimentos desenvolvidos dentro das Instituições e os transmitir para a sociedade, devemos discutir também a valorização do saber popular. Isto porque, o saber popular é produto gerado através das relações de troca e de interação entre os indivíduos envolvidos nesse processo educativo-científico-cultural, o que não significa inferioridade em relação ao saber universitário.

Neste sentido, Dubeux (2018) estabelece dois tipos de Extensão a partir de seus elementos. O primeiro tipo é a Extensão difusionista que está restringida apenas ao repasse do saber, relacionando-se com a Pesquisa e o Ensino de forma indireta, e sem a intenção de transformar o meio em que está inserida. Dessa forma, mantêm-se o *status quo* da Universidade como um castelo impenetrável e inacessível para os indivíduos que estão fora dela, descartando qualquer possibilidade de construção mútua do conhecimento. Um segundo tipo é a chamada Extensão dialógica, que valoriza a troca de saberes e possui enfoque no território. De acordo com esse tipo há uma indissociabilidade da Pesquisa e do Ensino, mas também há intenção de transformar o meio social a partir da perspectiva do território e da troca entre saber popular e saber acadêmico.

2.1 Dialogando com Paulo Freire

É inegável a contribuição da pedagogia freiriana na construção do sentido recente das atividades de extensão. Sua leitura da educação libertadora, autônoma, crítica e a partir da realidade dos sujeitos já apontam para uma postura dialógica, que busca desconstruir o tradicional e elitista sistema educativo brasileiro, cuja maior expressão, observa-se na universidade pública. A pedagogia freiriana parte do princípio que o processo educativo deve levar em consideração a realidade dos sujeitos e do entorno, de modo a dar novo e maior significado àquilo que está sendo ensinado. O ponto de partida é o referente no real, naquilo que de fato existe e é significativo para os sujeitos da ação, o que implica em escutar e dialogar com os diferentes sujeitos, ensinar e aprender com eles, ouvir e ser ouvido.

Apesar dos recentes avanços em termos de acessibilidade ao ensino superior público, há ainda um hiato a ser superado no sentido de maior integração entre universidade e sociedade, para o qual as atividades de extensão cumprem um papel fundamental. Assim, segundo Freire (1979), a Extensão educadora consiste em

educar através da “prática da liberdade”, ou seja, o ato de estender o saber ao outro não é sinônimo de que o outro indivíduo saiba menos ou que seja tomado de ignorância. Isto porque, educar através da prática da liberdade está associado ao reconhecimento de que sempre se pode aprender um com o outro e a partir do outro. Em outras palavras, não somos detentores de todos os saberes e é somente através desse reconhecimento e do diálogo, que se torna possível acessar o espaço do outro indivíduo e acessar e compreender suas concepções de mundo, tomando o devido cuidado para que isto não se traduza em uma postura hierarquizante. Para tanto, o diálogo é fundamental, já que

(...) o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não se pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1996, p. 44).

Tal postura rompe também com a concepção, na qual muitos foram educados, que considera importante absorver informações sem questionar, daí a razão da crítica realizada por Freire (1987) ao que ele chama de concepção “bancária” da educação. Em outras palavras, sua crítica estava orientada ao fato de que, metaforicamente, os educandos seriam bancos onde os educadores depositam saber. Parte-se do princípio de que o educador é o sujeito ativo e os educandos devem receber os ensinamentos de forma passiva, o que por consequência, auxilia no processo de “domesticação” dos indivíduos perante a sociedade.

Bourdieu (2004), a partir de perspectiva semelhante, critica esse tipo de postura, no sistema universitário. Para o autor, a relação mediada pelo saber funciona como um capital, capital simbólico em suas palavras, que orienta formas de ação nos campos do saber. A universidade, nesse sentido, é espaço privilegiado desse tipo de capital, mas que quando repassado para a sociedade reproduz uma relação de classe e hierárquica.

Em contraposição à educação “bancária” e hierárquica, surge a educação “problematizadora”. Para tanto, altera-se a posição dos sujeitos, o que exige abandonar a relação hierárquica educador e educando, para a relação educador-educando através do rompimento das barreiras de aprendizagem. Assim,

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 1987, p. 44).

Com isso, a relação se transforma e os educandos são estimulados a abandonar a figura de simples “bancos” e tornam-se indivíduos ativos, o que estimula a postura crítica e reflexiva na medida em que a relação educador-educando se fortalece. Dessa forma, “quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio” (Ibidem, 1987, p. 45).

Desenvolver ações transformadoras a partir da reflexão crítica sobre as realidades é de suma importância e, para que isso ocorra, o sujeito precisa estar buscando sempre a invenção e a reinvenção de suas práticas. Reconhecer-se como um indivíduo que faz parte do meio em que vive, sendo capaz de transformá-lo, auxilia na conscientização e essa tomada de consciência auxilia no desenvolvimento do compromisso social do indivíduo para com o meio em que está inserido. Em outras palavras,

A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1980, p. 26).

Assim, a Universidade também necessita se transformar, incorporando os sujeitos da ação (RIBEIRO, 2013), que não estão nos bancos da universidade também, reconhecendo a importância dos saberes, histórias e culturas como elementos fundamentais na construção da sociedade e da justiça social. Trata-se de incorporar de fato uma leitura freiriana, transpondo os muros da universidade, conversando e dialogando em pé de igualdade com os diferentes grupos e sujeitos, produzindo uma alteração na relação universidade e sociedade para uma relação universidade-sociedade. Dessa forma, a Universidade pode assumir o papel de propulsora de transformações sociais junto com a sociedade.

2.2 O indivíduo como um ser ativo dentro da sociedade

A partir do momento em que nascemos, somos inseridos na sociedade e estar inserido, nos exige interagir com o meio em que vivemos. Freire (1979), fazendo uma reflexão a partir do reino animal afirma que diferente dos animais, que não possuem consciência do que é o tempo (o hoje, o amanhã e depois), o homem a partir da compreensão do tempo, desenvolveu sua perspectiva histórica. Por outro lado, o ser humano é um ser com práticas espaciais, que surgem da interação

cotidiana e de diferentes relações escalares (SANTOS, 2008), que implica também reconhecer a dimensão temporal e a forma como a sociedade produz espaço e é produzida por ele (LEFEVRE, 2008). Ou seja, o ser humano está em constante construção de saber, o que por si só, exige considerar uma construção contínua e dialógica.

Assim, através deste despertar, o homem se vê como potencial transformador de seu meio. Dessa forma, “o homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu” (FREIRE, 1979, p. 15). A partir do pensamento Freiriano, observa-se que o modelo da sociedade contemporânea perpetua decisões da elite sobre o povo, transformando os menos abastados em meros objetos, produzindo alienação.

A alienação transforma os sujeitos em meros objetos que apenas cumprem com aquilo que lhes foi imposto, o que implica não reivindicar e desconhecer o próprio meio em que se encontra, dando continuidade ao projeto de sociedade elitista no qual estamos inseridos. Torna-se fundamental a ação emancipatória dos indivíduos entre si em prol do desenvolvimento do pensamento crítico diante da sociedade. Reconhecer-se como um indivíduo com direitos faz com que a massa comece a reagir.

As massas passam a exigir voz e voto no processo político da sociedade. Percebem que outros têm mais facilidade que eles e descobrem que a educação lhes abre uma perspectiva. Às vezes emergem em posição ingênua e de rebelião e não revolucionária ao se defrontarem com os obstáculos. Começam a exigir e a criar problemas para as elites. Estas agem torpemente, esmagando as massas e acusando-as de comunismo. As massas querem participar mais na sociedade. As elites acham que isto é um absurdo e criam instituições de assistência social para domesticá-las. Não prestam serviços, atuam paternalisticamente, o que é uma forma de colonialismo. Procura-se tratá-las como crianças para que continuem sendo crianças (FREIRE, 1979, p. 20).

Outro ponto relevante está relacionado a apropriação e subjetivação das práticas simbólicas que estão associadas ao território (SANTOS, 2002). Isto colabora para o desenvolvimento da Extensão emancipatória através da construção e da valorização da identidade cultural local. SANTOS (2002, p. 10) define que,

O território não é apenas um conjunto de sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar de residência, o lugar da resistência das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Constata-se que, para cada localidade em que a Extensão possa se desenvolver, é primordial adequar o campo de visão acadêmico em relação ao território em que se está inserido, considerando principalmente suas especificidades, pois importar modelos de ação já existentes podem não suprir as necessidades locais. Ao contrário, pode contribuir para uma postura hierárquica que desvaloriza os saberes do cidadão comum.

Apesar de desafiador, desenvolver um novo agir acadêmico pode "transformar a autoestima dos participantes, para que possam compreender que também são capazes de produzir conhecimentos" (DUBEUX, 2018, p. 20). Assim, a relação universidade-sociedade exige interação e cooperação entre os envolvidos nesse processo participativo, o que traz aos atores a sensação de autonomia como sendo indivíduos capazes de transformar o meio em que vivem.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Situada às margens da BR-465 no município de Seropédica, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) está localizada na Baixada Fluminense. É uma Instituição pública e gratuita de ensino superior que iniciou sua história a partir do Decreto nº 8.319 de 20 de outubro de 1910, tendo suas atividades de ensino, inicialmente, voltadas para a área de ciências agrárias. A partir dos anos 2000, orientadas pelo Reuni (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) a UFRRJ se diversifica ainda mais a partir de cursos noturnos, absorvendo diferentes tipos de estudantes (trabalhadores, jovens, mães e pais de família) que não podiam estudar em turno diurno. Atualmente, a universidade oferece cursos direcionados para as áreas de ciências humanas, ciências exatas, ciências sociais aplicadas além da área de ciências agrárias (BRASIL, 2017).

Ao longo de mais de 110 de história, a UFRRJ que em 1970 era considerada de pequeno porte com cerca de 2 mil discentes, se transformou em uma Universidade multicampi e de grande porte atendendo a mais de 24 mil discentes matriculados. Esse crescimento se justifica pela adesão a Reforma Universitária em 1968 e ao Reuni em 2010 (Ibidem, 2017).

Em relação ao município onde a Universidade está inserida, de acordo com a estimativa do IBGE (2020), Seropédica possui cerca de 80 mil habitantes em uma área territorial de 265,189km². Localizado na Microrregião de Itaguaí, o município conquistou sua emancipação em 1995 (VIANNA, 2020). A instalação definitiva do campus da UFRRJ em Seropédica influenciou tanto no desenvolvimento urbano, quanto no desenvolvimento econômico. A necessidade de discentes e docentes em obter moradia próxima a Universidade impulsionou o crescimento imobiliário, impactando também na expansão do comércio local. Deve-se considerar também a transformação no meio social, pois além da Universidade atrair discentes de diversas localidades do Rio de Janeiro (Baixada Fluminense, Costa Verde, Zona Oeste e outros), há discentes de outros Estados do Brasil e fora do país, o que transformou o município de Seropédica, dando-lhe um perfil bastante heterogêneo e multicultural.

3.1 Extensão Universitária na UFRRJ

As Políticas de Extensão promovidas pela UFRRJ seguem o Plano Nacional de Extensão de 1999 e a Política Nacional de Extensão Universitária de 2012. Princípios estes que visam uma Extensão que dialogue com a comunidade do entorno. De acordo com os dados do Plano de Desenvolvimento Instituição da UFRRJ 2018-2022, a Extensão Universitária obedece às seguintes diretrizes:

Interação Dialógica; Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; Indissociabilidade entre Ensino – Pesquisa – Extensão; Impacto na Formação do Estudante; Impacto e Transformação Social (BRASIL, 2017, p. 83).

A partir das diretrizes citadas anteriormente, a Extensão busca estreitar o relacionamento com a comunidade do entorno da UFRRJ. E é por meio do reconhecimento do território que a Extensão Universitária pode atuar de forma ativa e intervencionista ao meio em que está inserida. Neste sentido, Silva (2016, p. 38) afirma que,

É por meio da compreensão de que a Universidade se insere em um território que apresenta problemas sociais diversos de outros, que o tripé formado por Ensino, Pesquisa e Extensão pode atuar sobre essa realidade e responder aos problemas que o diálogo com os diversos segmentos da sociedade lhe permitirão identificar.

Através da Pró Reitoria de Extensão (PROEXT) da UFRRJ, são oferecidos projetos, oficinas e demais ações direcionadas a comunidade acadêmica e a comunidade do entorno. Dentre estes, destaca-se a atuação do Pré-vestibular Social da UFRRJ, popularmente conhecido como “Pré-Enem” e criado em 2006. Este projeto de Extensão promove gratuitamente a democratização do ensino e a inclusão social através do preparo de jovens e adultos para prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Além de proporcionar uma base sólida de conhecimentos para o ingresso destes alunos nas Universidades públicas e privadas, o Pré-Enem também auxilia na formação e permanência dos graduandos da UFRRJ, que lecionam as aulas e podem experimentar a vivência docente (GOLÇALVES *et al*, 2019).

Também há o Centro de Arte e Cultura (CAC), onde são desenvolvidas atividades artísticas e culturais como: oficinas de instrumentos musicais, macramê, aquarela, yoga, flexibilidade, dança do ventre, entre outros. As inscrições para as atividades são disponibilizadas semestralmente com limite de vagas por turma.

Além destes projetos direcionados à educação, arte e cultura, a UFRRJ oferece outras atividades que abrangem diversos eixos temáticos que permeiam as áreas de comunicação, direitos humanos e justiça, meio ambiente, tecnologia e produção, saúde e trabalho (FORPROEX, 2007). Porém, apesar de tais ações, ainda existe um hiato a ser superado, pois, em diferentes pontos a UFRRJ ainda é vista como uma instituição que não pertence a Seropédica, embora esteja localizada no município. Isto pode ser observado pela resistência que muitos moradores locais têm em relação a universidade, colocando-a em uma posição de superioridade. Tal condição se deve, essencialmente, ao distanciamento da UFRRJ da realidade que a cerca.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS

Como forma de reconhecer a relação entre a UFRRJ e a comunidade do entorno, foram realizadas entrevistas com 14 moradores do município de Seropédica-RJ. Como critério de escolha dos entrevistados, consideramos o fato de não serem vinculados diretamente à UFRRJ. No entanto, a amostra foi obtida de maneira aleatória, os entrevistados em sua maioria são funcionários de comércios locais com faixa etária entre 20 a 50 anos, sendo 10 mulheres e 4 homens.

Foi adotada na pesquisa a metodologia de natureza descritiva com abordagem qualitativa, realizada no município de Seropédica – RJ. Os entrevistados são residentes dos bairros Boa Esperança, Mutirão, Jardins, Campo Lindo, Santa Sofia, Vale do Sol e Vale do Ipê. Cerca de 80 mil habitantes compõem a cidade, em uma área territorial de 265,189km² com 18 bairros.

Houveram algumas limitações presentes na coleta de dados. Alguns dos entrevistados mesmo com a garantia de anonimato, sentiram-se desconfortáveis em opinar negativamente sobre a UFRRJ por receio de retaliação, pois familiares trabalhavam na Universidade. E outros, julgaram-se incapazes de responder as questões apresentadas. Além disso, houve resistência de outros possíveis entrevistados, limitando nossa amostragem.

A pesquisa foi dividida em três perguntas relacionadas a Extensão Universitária da UFRRJ (Quadro 1), foram:

Quadro 1 Perguntas do trabalho de campo

Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo a você?
Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia contribuir?
Quais as necessidades da comunidade foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Metodologicamente, foi utilizada o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que tem sido recentemente incorporado nas Ciências Sociais e que significa o resgate da Representação Social (RS). Tem-se como diferencial o agrupamento de opiniões semelhantes, redigidas em primeira pessoa do singular que representam a opinião de uma coletividade.

As Expressões-chave (EC) e Ideia Central (IC) possibilitam a representação social do sujeito pois resgata a essência de seu pensamento. Define-se a (EC) como trechos do discurso e a (IC) como a sintetização de cada uma das respostas dos entrevistados que, posteriormente, resultam num só discurso, assim chamado de Discurso do Sujeito Coletivo (FIGUEIREDO; CHIARI; DE GOULART, 2013).

Estes conteúdos de mesmo sentido, reunidos num único discurso, por estarem redigidos na primeira pessoa do singular, buscam produzir no leitor um efeito de “coletividade falando”; além disso, dão lugar a um acréscimo de densidade semântica nas representações sociais, fazendo com que uma ideia ou posicionamento dos depoentes apareça de modo “encorpado”, desenvolvido, enriquecido, desdobrado (LEVEFRÉ; LEVEFRÉ; MARQUES, 2009, p. 1194).

4.1 Atividades desenvolvidas pela Universidade

A primeira IC (Quadro 1) “Não tive contato. Fiquei sabendo por terceiros” demonstra o afastamento da Universidade com a comunidade do entorno, o trecho “(...) a única que eu sei mais ou menos (...) foi no CAC (...) fiquei sabendo por moradores, nunca pelos alunos” aponta que, por mais que a Universidade esteja próxima fisicamente, há uma falha na comunicação em relação as atividades e projetos disponíveis para o público geral. Na segunda IC (Quadro 2) “(...) eu particularmente (...) não participei de nenhuma atividade (...)” direciona o olhar para dois mundos distintos que habitam o mesmo município, mas que não se relacionam entre si. Há de se considerar a necessidade do aperfeiçoamento da comunicação através de meios que realmente funcionem diante da realidade da comunidade do entorno. Já na terceira IC (Quadro 1) “Participei de atividades e projetos desenvolvidos pela UFRRJ” nota-se que, por mais que haja deficiências na comunicação entre Universidade e a comunidade, há uma parcela de moradores que perpassaram a “bolha estrutural” e participaram de atividades e projetos desenvolvidos no campus Seropédica. Isto por si só, já demonstra a importância e a urgência em ampliar a comunicação e a divulgação das atividades disponíveis para a comunidade e também, evidencia o potencial de transformação que a Extensão pode exercer como ferramenta de integração.

Quadro 2

Expressões-chave, Ideia Central e Discurso do Sujeito Coletivo de quatorze moradores da comunidade do entorno.

Expressões-chave (1)	Ideia Central (1)	Discurso do Sujeito Coletivo (1)
<p>“(...) a única que eu sei mais ou menos (...) foi no CAC (...) fiquei sabendo por moradores, nunca pelos alunos”</p> <p>“Que eu fiquei sabendo aqui (...) Só o pré-vestibular e tem muito tempo (...)”</p> <p>“(...) dança, essas coisas assim (...)”</p>	<p>Não tive contato. Fiquei sabendo por terceiros.</p>	<p>As atividades que sei, mais ou menos, se tratam do pré-vestibular e atividades culturais. Mas não tive contato diretamente.</p>
Expressões-chave (2)	Ideia Central (2)	Discurso do Sujeito Coletivo (2)
<p>“Olha, nenhuma (...)”</p> <p>“Nenhuma”</p> <p>“(...) eu particularmente (...) não participei de nenhuma atividade (...)”</p>	<p>Nenhuma atividade.</p>	<p>Particularmente nenhuma. Não participei de nenhuma atividade.</p>
Expressões-chave (3)	Ideia Central (3)	Discurso do Sujeito Coletivo (3)
<p>“(...) já participei do CAC, né? (...) participei do pré-ensem (...)”</p> <p>“Tive contato só com o cinema”</p> <p>(...) pessoas próximas a mim participaram de pré-vestibular (...)”</p>	<p>Participei e/ou soube de atividades e projetos desenvolvidos pela UFRRJ.</p>	<p>Tive contato com atividades do CAC e cinema. E soube de pessoas próximas que participaram do pré-vestibular.</p>

Fonte: Elaboração própria. Trabalho de campo realizado em jul. de 2022.

A desigualdade social presente no município de Seropédica se estende também aos meios de comunicação e acesso a tecnologia, sendo assim, por mais que os anúncios das atividades oferecidas pela Universidade sejam disponibilizados em sites e redes sociais de grande alcance informacional, ainda não tem sido tão eficaz. Caberia pensar em outras alternativas para que a informação alcance seu público alvo, como por exemplo, a utilização de carros de som para anunciar as

atividades de Extensão disponibilizadas ao público, enfatizando que este espaço também é para os munícipes de Seropédica.

4.2 Possíveis contribuições da Universidade para a comunidade

Com a intenção de representar a opinião da comunidade do entorno em relação às demandas locais, o Quadro 3 possibilitou a construção de ideias que podem auxiliar a própria Universidade a nortear o desenvolvimento de projetos voltados para o público externo. A primeira IC “Demandas direcionadas a crianças e jovens” enfatiza a necessidade de projetos voltados para este público alvo, de forma a contribuir para o desenvolvimento social e criativo. Porém, deve-se lembrar que, para a Extensão Universitária alcançar êxito no relacionamento dialógico com a comunidade, os valores e a cultura local não devem ser infringidos, visto que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47). Dessa forma a Extensão funcionaria como propulsora do potencial destes indivíduos a partir da criação de novas perspectivas sociais.

Quadro 3

Expressões-chave, Ideia Central e Discurso do Sujeito Coletivo de quatorze moradores da comunidade do entorno.

Expressões-chave (1)	Ideia Central (1)	Discurso do Sujeito Coletivo (1)
<p>“(...) acho que principalmente pros jovens e crianças (...) por exemplo, esporte, música, né? Algum tipo de curso para tirarem eles da rua (...)”</p> <p>“(...) ela poderia estar expandindo cursos (...) abrindo mais pra Seropédica (...)”</p> <p>“(...) acho que só os locais próximos, né? Ali no Vale do Ipê tem bastante criança, acredito que nenhuma delas conheça as atividades que tenha na Rural”</p>	<p>Expansão de atividades e cursos direcionados as crianças e aos jovens.</p>	<p>Cursos livres e atividades culturais para crianças e jovens para tirá-los das ruas. Acredito também que só os bairros mais próximos tenham mais contato com a Universidade, é necessário se expandir aos bairros mais afastados.</p>

“(...) alguma coisa, tipo, área de conhecimentos, cursinhos livres (...) arte, né? cultura (...)”		
<p>Expressões-chave (2)</p> <p>“(...) acho que um hospital universitário pra gente (...)” “(...) um hospital, porque eu já levei a minha filha lá no Fundão há muitos anos (...) eu acharia que teria que ter aqui também” “(...) podia ter médico ali pra ajudar na área da saúde porque aqui é muito precário”</p>	<p>Ideia Central (2)</p> <p>Construção de um hospital universitário.</p>	<p>Discurso do Sujeito Coletivo (2)</p> <p>Um hospital universitário ajudaria muito a comunidade porque aqui é muito precário.</p>

Fonte: Elaboração própria. Trabalho de campo realizado em jul. de 2022.

O trecho “(...) acho que um hospital universitário pra gente (...)” evidencia o desconhecimento dos munícipes em relação aos cursos disponibilizados pela Universidade, pois não há graduação em Medicina na UFRRJ. Isto aponta para o distanciamento da Universidade com a comunidade a nível de informação básica sobre os cursos ofertados dentro da academia. Constata-se também que diante da deficiência do serviço hospitalar oferecido pela administração pública local, acredita-se que a implementação de um hospital universitário contribuiria para a saúde da população local. No entanto, sabe-se que isso somente ocorreria se a UFRRJ ofertasse curso de medicina. Contudo, a parceria entre entes governamentais com participação direta ou mesmo mediação da UFRRJ seria um caminho possível.

4.3 Atuação da Universidade em prol das necessidades locais

A primeira IC (Quadro 4) “Eu não sei te responder”: o desconhecimento da comunidade do entorno em relação as atividades direcionadas as demandas do município é uma questão que merece atenção. Aqui, não caberá juízo de valor sobre a escassez ou não das atividades desenvolvidas pela Universidade, visto que o método DSC busca a representação da fala dos sujeitos inseridos em um determinado contexto social.

No trecho “Pelo o que eu sei, nenhuma demanda foi atendida (...)”: se existem projetos focados em minimizar as desigualdades sociais dentro da comunidade, não é do conhecimento de uma parcela dos moradores, sendo assim, de acordo com os depoimentos coletados, a Universidade deveria ampliar sua atuação social.

Na segunda IC “Acho que pré-vestibular, ensino e cultura” se pôde observar uma certa incerteza sobre o que verdadeiramente está sendo desenvolvido pela Universidade. E em conformidade com a primeira IC, ambas demonstram que o que permeia a percepção do entorno para com a Universidade ou é o achismo sobre o que está sendo desenvolvido ou a certeza de que nada está sendo feito.

A incerteza ainda permanece na terceira IC através do trecho “Muitos cursos, né?”, a atuação da Universidade parece estar limitada apenas a disponibilização de cursos de ensino superior, e através da postura dos entrevistados, a resposta um tanto quanto vaga demonstra o desconhecimento até de quais cursos são lecionados.

Quadro 4

Expressões-chave, Ideia Central e Discurso do Sujeito Coletivo de quatorze moradores da comunidade do entorno.

Expressões-chave (1)	Ideia Central (1)	Discurso do Sujeito Coletivo (1)
“(...) eu não sei de nenhuma (...) eu acho que a Rural tinha que fazer mais pra população, ajudar mais (...)” “(...) nenhuma (...)” “(...) não sei te dizer” “Pelo o que eu sei, nenhuma demanda foi atendida (...)”	Eu não sei responder.	Não sei te dizer. Acho que a Rural tinha que ajudar mais a população.
Expressões-chave (2)	Ideia Central (2)	Discurso do Sujeito Coletivo (2)
“(...) o pouco que eu convivo com a Rural, acho que o pré-vestibular mesmo (...)” “(...) eu acho que as culturais, né?” “Aquele (...) beirando a pista (...) tinha até aula de	Acho que pré-vestibular, ensino e cultura.	Eu acho que a Universidade atende a população através do pré-vestibular, do ensino e de projetos culturais, né?

arte lá (...)" "acho que (...) as escolas e o ensino. O principal é isso, né?"		
Expressões-chave (3) "Muitos cursos, né? Até nível faculdade, né? (...)" "(...) o estudo, né? É estudo que eles oferecem, né? (...)"	Ideia Central (3) Oferecem cursos, até nível faculdade e estudos.	Discurso do Sujeito Coletivo (3) Muitos cursos, né? E o estudo que eles oferecem.

Fonte: Elaboração própria. Trabalho de campo realizado em jul. de 2022.

Face ao exposto, questiona-se se estaria a Universidade atendendo realmente as necessidades da comunidade do entorno? Ou apenas contribuindo – intencionalmente ou não – para uma “cultura do desconhecimento”? Por um lado, isto exige também alguns cuidados: 1) focar nas necessidades da comunidade poderia reproduzir a postura assistencialista, sem produzir avanços significativos na interação da comunidade do entorno com a universidade; 2) não focar nas necessidades também pode reproduzir o que já vem sendo desenvolvido em termos de extensão, como no caso de seminários que pouco dialogam com a comunidade. Para isto, a curricularização da extensão, por sua vez, deve considerar projetos que possam, ao mesmo tempo ofertar serviços necessários a comunidade, mas não se limitar a tais serviços. Isto passaria por uma reflexão crítica e uma autocrítica sobre o papel da universidade, que transcende a oferta de serviços.

Daí a importância de dar maior visibilidade a comunidade do entorno sobre aquilo que é feito na universidade para além dos cursos ofertados na modalidade ensino. É importante também que as pesquisas ultrapassem de fato os muros da universidade de forma horizontal. Em outras palavras, significa adotar uma outra postura de pesquisa onde a comunidade não é só fornecedora de informações, mas que também recebe os resultados das pesquisas de modo a se converter em políticas públicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações de extensão fazem parte do tripé que orienta as ações nas universidades brasileiras desde o século XX, atribuindo novas funções à universidade. Tais ações são fundamentais para estreitar a relação entre universidade e sociedade, rompendo com o distanciamento e o caráter elitista que tanto caracterizam o ensino superior brasileiro, sobretudo nas universidades públicas. Trata-se de produzir uma relação universidade-sociedade tomados enquanto uma totalidade, segundo uma postura horizontal e dialógica, que produza conhecimento, ao mesmo tempo em que valoriza os saberes das comunidades do entorno.

Na UFRRJ existem diferentes ações de extensão, que nem sempre incorporam a sociedade ou sequer estão orientadas para a comunidade do entorno. Ainda permanece um padrão hierárquico, onde a universidade oferta uma série de serviços, cursos, formação continuada, que passa despercebido para o morador de Seropédica, ficando restrita a alguns poucos moradores. Trata-se de um distanciamento histórico, que, apesar de algumas iniciativas como a que alguns docentes desenvolvem com grupos de moradores locais, ribeirinhos, entre outros, ainda não tem sido suficiente para diminuir a lacuna que existe entre a universidade e a sociedade do entorno.

A partir da metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo, observou-se que o distanciamento da Universidade e comunidade do entorno ficou evidente em diversos momentos da pesquisa. Grande parte dos entrevistados não enxergam a UFRRJ como um espaço que também poderia ser utilizado por eles, seja em participação de atividades, bem como ao ingresso na própria academia através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para além da percepção da Universidade como um espaço que não lhes cabe, nem lhes pertence. Existe também a incerteza sobre o que está sendo desenvolvido dentro dela.

Isto evidencia que, por mais que a UFRRJ não tenha muros em seu campus, há muros invisíveis que limitam a comunicação com a comunidade na medida em que as atividades não alcançam a população como um todo. Ainda que discentes e moradores de Seropédica compartilhem de ambientes em comum fora da Universidade, nota-se um sentimento de que o outro é diferente e, em certa medida, há a reprodução da relação de superioridade. E o distanciamento entre a UFRRJ e a

comunidade do entorno só pode ser dissolvido através da integração, sendo fundamentais ações extensionistas que de fato integrem a comunidade do entorno.

É inegável o potencial que a Extensão Universitária possui, mas para que esta tenha seu desenvolvimento pleno, é necessário pensar no lugar a partir do lugar, considerando as limitações e desigualdades existentes como um obstáculo a ser superado. Desenvolver uma Extensão que se oponha à alienação e que busque romper com o aspecto classista cria possibilidades de produção de conhecimento, principalmente quando a Universidade foca em agir na medida do que é possível, observando o seu entorno para atuar a partir do que a realidade permite (SOUSA, 1998).

Existem alternativas capazes de promover a aproximação desses dois polos que exigiriam a expansão dos canais de comunicação. A utilização de carros de propaganda volante, alternativa muito utilizada pela Prefeitura de Seropédica para repassar comunicados, poderia ser uma ferramenta para informar a comunidade sobre as atividades disponíveis na UFRRJ. Tal ação complementar as informações já disseminadas através da internet, já que esta funcionalidade por si só, não tem causado o efeito esperado. Inclusive a universidade poderia estabelecer parceria com a prefeitura para utilizar o carro de som. Seria uma forma de aproxima a universidade do poder local.

Assim, para dissolver o distanciamento entre a Universidade e a comunidade é necessário a integração e para que a integração seja efetiva, esta dependeria: a) Construção de um relacionamento com a comunidade; b) Estreitar os laços com a Prefeitura Municipal de modo a conhecer o território; c) Promover rodas de conversas e/ou grupos temáticos, possibilitando o entendimento das necessidades locais e do que pode ser desenvolvido; d) Estimular docentes e discentes em atividades de extensão nos bairros da cidade, levando à comunidade aquilo que é produzido na universidade; e) Alterar a tradicional relação onde a comunidade busca a universidade para auxiliar em ações pontuais, para um modelo onde a universidade apresentaria a partir de diferentes formas e meios aquilo que vem sendo produzido dentro da universidade; f) Romper com o padrão de prestação de serviços à comunidade, incorporando as múltiplas ações que ocorrem na universidade.

Assim, trata-se de promover o diálogo e a troca de saberes para desconstruir possíveis hierarquias, estimulando a cooperação, possibilitando ao acadêmico um

novo senso da realidade e também a comunidade do entorno. A curricularização da extensão já representa um avanço significativo para que seja possível proporcionar um novo horizonte às atividades extensionistas. No entanto, é preciso o reconhecimento da necessidade de transpor os muros da universidade, devolvendo à sociedade os recursos públicos investidos nas universidades. Se, a Extensão for capaz de aproveitar todo o seu potencial transformador e alcançar a sociedade como um todo, principalmente as camadas mais periféricas, poderá ser fortalecida a relação universidade-sociedade, possibilitando assim a demolição dos muros que cerceiam o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDES. Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Proposta do Andes-SN para universidade brasileira. **Caderno Andes**, Brasília, n. 2, p. 9-59, jul. 2013. Disponível em: <<https://www.andes.org.br/img/caderno2.pdf>>. Acesso em: 17 de jul. 2021.

BERNARDES, M. A.; PELARIN, A. L.; DA SILVA, L. D. Indicadores e parâmetros para a estrutura da extensão universitária em uma IES. In: CANDIDO, J. G.; DA SILVA, L. D (Org.). **Extensão universitária: conceitos, propostas e provocações**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2014.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BRASIL. **Lei 5.540**, de 28 de novembro de 1968.

BRASIL. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei 13.005**, de 25 de junho de 2014.

BRASIL. **Resolução nº 7**, de 18 de dezembro de 2018.

BRASIL, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. **Manual Básico para a Curricularização da Extensão da UFRRJ**. 2022. Disponível em: <https://portal.ufrj.br/wp-content/uploads/2022/03/manual-basico_curricularizacao-da-extensao_ufrj.pdf>. Acesso em: 04 de mai. de 2022.

BRASIL, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2018-2022**. 2017. Disponível em: <<https://portal.ufrj.br/wp-content/uploads/2016/11/PDI-UFRRJ-2018-2022.pdf>>. Acesso em: 02 de ago. de 2021.

CARBONARI, M. E. E; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, Itatiba, v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007.

DUBEUX, A. Extensão Universitária no Brasil: democratizando o saber da universidade na perspectiva do desenvolvimento territorial. **Sinergias Ed**, n. 6, p. 9-24, jan. 2018.

FÁVERO, M. D. L. D. A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

FIGUEIREDO, Marília ZA; CHIARI, Brasília M.; DE GOULART, Bárbara NG. Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. **Distúrb Com**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 129-136, abr. 2013.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Ed Moraes, 1980.

_____. **Educação e Mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 46 p.

_____. **Extensão ou Comunicação?** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 65 p.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 52 p.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. 129 p.

FREITAS NETO, José Alves de. A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma universidade latino-americana. **Revista Ensino Superior Unicamp**, v. 3, p. 62-73. 2011.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Extensão Universitária: Organização e Sistematização**. Edison J. C. (Org). Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012, 68 p.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, 1-18 p. 2017.

GONÇALVES, J. S. *et al.* Pré-Enem da UFRRJ: extensão universitária como instrumento de democratização do acesso ao ensino superior. **Realize Editora**. Anais VI. 2019.

GURGEL, R. M. Extensão Universitária: Comunicação ou Domesticação. **Cortez**, 1986.

Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília. 2016. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 de jul. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Seropédica**. Rio de Janeiro: IBGE. 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/seropedica/panorama>>. Acesso em: 02 de ago. 2021.

LEFEVRÈ, F; LEFEVRÈ, A.M.C; MARQUES, M.C.C. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 1193-1204, 2009.

LEVEFRÈ, F; LEVEFRÈ, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto-Enf**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, abr./jun. 2014.

MELO NETO, J. F. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: diálogos populares. In: MELO NETO, J. F. et al (Org.). **EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: bases ontológicas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.

MENON, Gustavo. A Reforma de Córdoba, movimentos estudantis e seus impactos para o ensino superior na América Latina. **História da Educação**, v. 25. 2021.

PAULA, João Antônio de Paula. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces**, Belo Horizonte, v. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

RIBEIRO, A.C.T. **Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço**. Rio de Janeiro: LetraCapital, 2013.

SAMPAIO, J. H.; FREITAS, M. H. A indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão – És tu a Universidade que estava por vir ou esperaremos por outra? In: **“Educação superior: princípios, finalidades e formação continuada de professores”**. Brasília: Editora Universa, 2010.

SANTOS, M. Território e Dinheiro. In: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF. **Território, Territórios**. Rio de Janeiro, p.17-38. 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2008.

SERRANO, R. M. S. M. *et al.* A Extensão Universitária Brasileira: olhares sobre sua história. **Saúde Redes**, p. 93-206, 2019.

SILVA, Wagner Pires da. **As ações de extensão na construção de uma universidade sertaneja**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 135 p. 2016.

SOUSA, A. L. L. Extensão Universitária: compromisso social ou solidariedade? **Revista Adusp**, São Paulo, p. 23-28, jul. 1998.

SOUZA, A. L. L. **A História da Extensão Universitária**. Campinas: Ed. Alínea, 2000, 138 p.

VIANNA, M. de Albuquerque. As transformações no espaço rural no município de Seropédica-RJ nas últimas décadas. **Espaço e Economia**, n. 19, p. 1-20. 2020.

APÊNDICE

Entrevistado nº 1

L. Quais as atividades oferecidas pela Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo a você?

M. Bom, a única que eu sei mais ou menos, mas nunca tive acesso, já tentei ir lá para fazer, foi no CAC. É CAC? É... Que tinha oficinas de dança do ventre, instrumentos, aprender a tocar instrumentos, mas nunca consegui. Fiquei sabendo por moradores, nunca pelos alunos.

L. Em quais demandas de Seropédica você considera que a Universidade poderia auxiliar através de algum projeto?

M. Eu acho que principalmente pros jovens e crianças aqui de Seropédica. É, por exemplo, esporte, música, né? Algum tipo de curso para tirarem eles da rua. No Mutirão tem muita, muita criança que fica largada no meio da rua, que fica sem fazer uma atividade, alguma coisa para eles poderem ter algum curso lá na frente. E eu acho que a Rural quase não fala isso pros moradores.

Acho que a Prefeitura e a Rural tinham que fazer uma, combinar eles juntos para ajudar mais a população. Eu acho que só a Rural, a gente fica sabendo pelos outros e quando vai lá não consegue, entendeu? É muito difícil entrar num curso ali ou colocar uma criança.

L. Quais as necessidades do município foram atendidas a partir das atividades desenvolvidas pela Universidade? Você sabe de algo que a Universidade fez em prol de Seropédica?

M. Para falar a verdade eu não sei de nenhuma. Como eu disse na segunda pergunta que você me fez, eu acho que a Rural tinha que fazer mais pra população, ajudar mais, colocar mais a população de Seropédica junto com a Rural e não tem. A gente fica só sabendo pelos outros e às vezes chega lá e não tem mais vaga. Eu, por exemplo, já tentei fazer um curso lá no CAC para aprender tocar violão, não consigo. Nunca consegui.

Entrevistado nº 2

L. Você já teve contato com alguma atividade da Universidade ou soube que foi implementada próximo a você?

P. Que eu fiquei sabendo aqui, que eu não tenho contato com a Rural... Só o pré-vestibular e tem muito tempo. Até um amigo meu fez, que era no ICHS.

L. Quais demandas da comunidade você acha que a Universidade poderia ajudar?

P. Ah... Acho que um hospital universitário pra gente, porque a Rural tem bastante área, né?

L. Qual necessidade da sua comunidade já foram atendidas através de atividades da Universidade?

P. Então, o pouco que eu convivo com a Rural, acho que o pré-vestibular mesmo que ajudou muita gente. Não sei se ainda existe ainda, mas o pré-vestibular ajudou bastante gente aqui.

Entrevistado nº 3

L. Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

T. Só festas mesmo.

L. Em quais demandas da comunidade, quais as necessidades da comunidade que você considera que a Universidade poderia ajudar?

T. Cara, muito o lado de lá, né? Porque o lado de cá a maioria conhece, mas o lado do 42 poucas pessoas tem acesso.

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir das atividades da Universidade?

T. Acredito que nenhuma.

Entrevistado nº 4

L. Quais atividades da Universidade que você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

M. Eu já participei do CAC, né? Eu fiz balé lá, minha irmã fez aula de desenho e teatro. Eu já participei do pré-enem da UFRRJ e só.

L. Em quais necessidade da comunidade você considera que a Universidade poderia ajudar?

M. É... Eu acho que os alunos de psicologia poderiam fazer tipo, eu sei que tem um plantão, né? Só que eu acho que, pela demanda da comunidade, que seria melhor que eles fizessem como se fosse um atendimento mesmo, sabe? Algumas sessões.

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir das atividades da Universidade?

M. Eu acho que as culturais, né? Lá tem muito teatro, às vezes eles passam filme, acho que sobre cultura a Rural ajuda muito.

Entrevistado nº 5

L. Quais atividades da Universidade que você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

U. Olha, nenhuma. Só quando eu estudei lá. Estudei no CTUR.

L. Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia ajudar? Quais necessidades?

U. Necessidades? Eu acho que só os locais próximos, né? Ali no Vale do Ipê tem bastante criança, acredito que nenhuma delas conheça as atividades que tenha na Rural.

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir de atividades da Rural?

U. Aquele que, não sei o nome, que é ali beirando a pista. Tinha até aula de arte lá se eu não me engano, teve balé.

L. Qual, como é a sua relação com a Universidade? Que memória você tem?

U. Olha, bastante, né? Que a Rural é bem visível, né? Mas pessoal não.

Entrevistado nº 6

L. Quais atividades da Universidade que você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

R. Tive contato só com o cinema.

L. Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia contribuir? Que necessidades da poderiam ser ajudadas?

R. Não faço ideia.

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

R. Tá aí... Nenhuma, assim...

Entrevistado nº 7

L. Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

T. Ai, meu Deus... Dança, essas coisas assim. Que eu soube? De dança.

L. Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia ajudar?

T. Olha, eu acho que, assim, tipo... Um hospital, porque eu já levei a minha filha lá no Fundão há muitos anos, num hospital lá. E ela foi muito bem tratada e aquilo eu amei. Eu acharia que teria que ter aqui também.

L. Quais as necessidades da sua comunidade foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

T. Ai... Foi o trabalho pra uma amiga minha que eu achei legal, que ela pôde começar a trabalhar.

Entrevistado nº 8

L. Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

G. Pré-enem, pré-vestibular.

L. Em quais demandas da comunidade, quais necessidades da comunidade que a Universidade poderia ajudar?

G. Essas atividades de lazer, tem muita gente lá na rua fazendo nada, fazendo besteira.

L. Quais as necessidades da sua comunidade foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

G. Que eu saiba, que eu conheça, nenhuma.

Entrevistado nº 9

L. Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

J. Nenhuma.

L. Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia contribuir?

J. Ah, eu acho que... No caso, alguma coisa, tipo, área de conhecimentos, cursinhos livres, assim... De pequenos períodos.

É... Arte, né? Cultura, né? No caso.

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

J. Olha, eu não sei te dizer.

Entrevistado nº 10

L. Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

D. A única atividade que eu já tive contato da Rural foram os jogos estudantis.

L. Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia contribuir?

D. Bom, eu não faço ideia...

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

D. Pelo o que eu sei, nenhuma demanda foi atendida, é... A partir de algum projeto que a Rural fez.

Entrevistado nº 11

L. Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

R. Uma atividade que eu achei interessante que a Rural fez, é... Sobre a vacinação, né? Dos animais, dos cães, gatos. Isso eu acho uma atividade maneira da Rural.

L. Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia contribuir?

R. Eu acho que a Rural poderia ajudar a ensinar e educar os tratadores, né? É... Os agricultores, na verdade... Os criadores de aves, de gados, de bois, de equinos, de bovinos. Acho que a Rural poderia ajudar nessa parte, é... Ensinando como combater certos tipos de pragas, de doenças...

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

R. Acho que as necessidades que a Rural oferece a população de Seropédica são as escolas e o ensino. O principal é isso, né?

Entrevistado nº 12

L. Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

F. Então, é... Eu particularmente, é... Não participei de nenhuma atividade da Rural, mas pessoas próximas a mim participaram de pré-vestibular, é... Natação.

Houve um tempo que havia natação aberta e eu levava uma pessoa próxima pra fazer natação.

L. Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia contribuir?

F. Eu acho que a Rural, ela poderia estar expandindo cursos, né? Abrindo mais pra Seropédica, é... Até mesmo pros jovens, abrindo mais pra jovens.

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

F. Muitos cursos, né? Até nível faculdade, né? Seropédica foi atendida pela Rural. Porque quando na realidade algumas pessoas iam ter dificuldade de sair daqui pra outro lugar pra fazer faculdade. E pessoas já se formaram e tão trabalhando através da Rural.

Entrevistado nº 13

L. Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

D. Eu já tive já, atividade na Rural sim, eu fiz dois cursos na Rural. Um eu fui auxiliar de cozinha e o outro agente de alimentação escolar, eu fiz pela PRONATEC, mas foi dentro da Rural, no CTUR.

L. Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia contribuir?

D. A Rural podia dar mais oportunidades para as pessoas que tem pouco estudo, pra tá trabalhando lá na Rural, entendeu? É... Veterinária já tem, né? Que ajuda as pessoas que tem animal, né? A cuidar do animal, né? E... É isso. Ajudar as pessoas mais carentes que precisem de atendimento.

Não é só a veterinária, mas podia ter médico ali pra ajudar na área da saúde porque aqui é muito precário.

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

D. O atendimento que beneficiou Seropédica aqui com a Rural, é o estudo, né? É estudo que eles oferecem, né? Pros adolescentes que quer ser, quer ter uma faculdade melhor.

Entrevistado nº 14

L. Quais atividades da Universidade você já teve contato ou soube que foi implementada próximo de você?

C. A única atividade que eu tive conhecimento, foi quando eu estava estudando. Um amigo de dentro da Universidade me levou pra participar do pré-vestibular, na época era oferecido e hoje não sei nem se tem.

Eu acho que não tem mais porque eu nunca tenho ouvido falar, mas era muito bom, eu fiz, entendeu? É a única atividade que eu soube, isso foi mais ou menos em 99, 2000, o ano. De lá pra cá eu não tenho conhecimento de nenhuma atividade, não sei se porque não busco informação ou se a área que eu atuo fica fora da área de atuação da Rural, entendeu?

L. Em quais demandas da comunidade você considera que a Universidade poderia contribuir?

C. Eu acho que a Universidade poderia, já que o campus é situado dentro da cidade de Seropédica, ela ser mais ativa dentro das escolas municipais. Buscando seduzir os jovens a cursar uma Universidade, eu acho que a Universidade, ela deveria abrir as portas para algumas escolas, algumas turmas de um determinado ano letivo que os alunos tiverem cursando pra conhecer a Universidade, pra que a própria Universidade possa se apresentar a essas crianças.

Porque o povo daqui de Seropédica, eles veem a Universidade como algo de fora, eles não veem a Universidade como uma coisa pra eles, uma coisa que eles podem ter acesso, entendeu? Alguns tem informação? Tem. Mas são muito poucos.

Tem muita gente que não sabe e acha que "não, a Universidade não é pra gente, é pra pessoas que moram lá no Rio, num é pra gente, num é pra mim, eu estudo numa escola pública, nunca vou conseguir fazer uma Universidade", tem pessoas que tem essa mente.

L. Quais as necessidades da sua comunidade que foram atendidas a partir de atividades da Universidade?

C. Eu não tenho o que falar porque eu não tenho essa resposta. Eu não posso falar que ela atua, que tem alguma atividade ou não dentro da cidade, não tenho essa resposta, infelizmente.